

## INTEGRAÇÃO GRANDE EMPRESA E PEQUENOS PRODUTORES DE DENDEZEIRO: O CASO DA COMUNIDADE DE ARAUAÍ, MUNICÍPIO DE MOJU, PARÁ<sup>1</sup>

Antônio José Elias A Menezes – Embrapa Amazônia Oriental. Email: antonio.menezes@embrapa.br

Alfredo Kingo Oyama Homma – Embrapa Amazônia Oriental. Email: alfredo.homma@embrapa.br

Jair Carvalho dos Santos – Embrapa Amazônia Oriental. Email: jair.santos@embrapa.br

Ana Laura dos Santos Sena – Embrapa Amazônia Oriental. Email: ana-laura.sena@embrapa.br

Katia Fernanda Garcez Monteiro – Secretaria Estadual de Educação do Pará. Email: katiagarcez2009@hotmail.com

### Grupo de Pesquisa 7: Agricultura Familiar e Ruralidade

**Resumo:** O estudo objetivou avaliar os efeitos socioeconômicos e ambientais do programa de investimentos no plantio de dendezeiro de pequenos produtores integrados com a Agropalma, especificamente, em relação a renda e a qualidade de vida. Os produtores fazem parte da Comunidade do Arauaí, município de Moju, estado do Pará, sendo os plantios iniciados em 2002. Os resultados encontrados evidenciam um forte grau de satisfação dos pequenos produtores que plantam dendezeiro em parceria com a Agropalma, adotando as boas práticas produtivas. Houve, também, melhoria dos bens duráveis dos pequenos produtores que cultivam o dendezeiro em relação ao passado e os que não cultivam ao redor. O cultivo do dendezeiro pelos pequenos produtores da amostra estudada indica sustentabilidade econômica proporcionando renda satisfatória para garantir o bem estar de suas famílias. Há uma preocupação com relação ao final do ciclo produtivo dos atuais plantios existentes já com meia vida.

Palavras chave: Amazônia, dendezeiro, pequenos produtores.

**Abstract:** The study aimed to evaluate the socioeconomic and environmental impacts of the investment program on oil palm by small farmers integrated with Agropalma, specifically, related to income and quality of life. Farmers are part of the Community Arauaí, Moju County, Para State, with plantings started in 2002. Our results show a high degree of satisfaction of the small oil palm farmers in partnership with Agropalma, adopting good production practices. There was also improvement of durable goods of small oil palm farmers throughout time and in relation to nearby farmers, who do not cultivate oil palm. Cultivation of oil palm by the small farmers sampled in this study indicates economic sustainability by providing satisfactory income to ensure the well being of their families. There is concern about the end of the production cycle of the existing plantations already in half-life.

Key words: Amazon, oil palm, small farms.

### 1. INTRODUÇÃO

A substituição de importações e a crescente demanda mundial por óleo de dendê impulsionou o governo brasileiro a tomar medidas que possam promover a expansão do cultivo de dendezeiros de forma a proporcionar inclusão social, gerar divisas e proporcionar o desenvolvimento sustentável da atividade produtiva no país (MONTEIRO,2013).

No Estado do Pará, em 2002, foi iniciada uma experiência pioneira na integração entre a

---

<sup>1</sup> Este estudo faz parte do projeto “Determinação de custos ambientais e de insumos na produção de palma de óleo no estado do Pará”, financiado pelo Governo do Estado do Pará, através da Fundação Amazônia Paraense de Amparo a Pesquisa (FAPESPA).

Agropalma, destacado grupo empresarial com *expertise* no cultivo e processamento industrial de dendê, e pequenos produtores da Comunidade de Arauaí, no Município de Moju, com o cultivo dessa oleaginosa. Nos anos de 2004, 2005 e 2006, novas iniciativas nessa linha surgiram na economia paraense, lideradas pela própria Agropalma, assim como, mais recentemente, por novos entrantes na atividade como a Biopalma, Belém Bioenergia Brasil (BBB), ADM do Brasil, entre outros.

A integração entre empresas e pequenos produtores em sistemas de cooperação é uma realidade em diversos segmentos da economia. No setor agropecuário nacional, a avicultura e a suinocultura são bons exemplos dessa integração. Nesse sistema de produção são firmadas parcerias entre indústrias (chamadas de integradoras) e produtores (integrados), constituindo, assim, um arranjo contratual conforme descrito por Williamson (1996).

O mecanismo de parceria pode se constituir em importante fonte para elevação da produtividade dos fatores de produção e de ganhos sociais para o conjunto da sociedade, a partir da promoção do bem-estar coletivo. Desta forma, a integração entre pequeno produtor e grandes empresas configura-se em relevante estratégia para o fomento do desenvolvimento no meio rural.

A ideia da expansão dessa experiência, por exemplo, entre 2002 e 2006, foram firmados contratos pioneiros entre 185 famílias e a Agropalma, ocupando uma área de 1.710 ha com o cultivo do dendezeiro. Esses projetos contaram com o apoio financeiro do Banco da Amazônia e se concentraram no Município de Moju. Adicionalmente, em 2012, foram firmados 508 novos contratos de financiamentos com pequenos produtores para cultivo de 4.995,44 ha dessa oleaginosa, com a participação das diversas empresas integradoras, mobilizando recursos financeiros da ordem de R\$ 34.437.100,16 (BASA, 2014). Estes recursos foram alocados nos municípios de Abaetetuba (0,02%), Acará (8,30%) Aurora do Pará (0,44%), Baião (0,23%), Bujaru (0,19%), Cametá (0,69%), Castanhal (0,11%), Concordia do Pará (3,09%), Garrafão do Norte (0,21%), Irituia (1,32%), Mocajuba (0,23%), Moju (20,42%), São Domingos do Capim (24,99%), Tailândia (20,53%) e Tomé-Açu (19,22%).

Em 2013 os financiamentos obtidos junto ao Banco da Amazônia foram de R\$ 45.304.036,99 (BASA, 2014), ou seja, 31,56% maiores do que no ano anterior. Estes recursos foram aplicados nos municípios do Acará (5,05%), Aurora do Pará (0,68%), Baião (0,51%), Bujaru (1,00%), Cametá (1,39%), Capitão Poço (1,48%), Concordia do Pará (2,19%), Garrafão do Norte (3,84%), Igarapé-Açu (0,18%), Irituia (9,64%), Mãe do Rio (0,33%), Mocajuba (1,23%), Moju (17,15%), São Domingos do Capim (10,30%), Tailândia (36,95%) e Tomé-Açu (8,09%). Como se vê, a expansão do dendezeiro, a partir da integração entre agroindústrias e pequenos produtores, tem crescido não só no volume de crédito de fomento obtido e na área de plantio, mas, também, na sua abrangência pelos municípios da mesorregião do Nordeste Paraense e no número de empresas integradoras.

Neste estudo, apresenta-se um diagnóstico socioeconômico de 31 agricultores familiares da Comunidade de Arauaí, engajados no projeto pioneiro de produção de óleo de dendezeiro integrado com a Agropalma. Os resultados da pesquisa analisam diversos efeitos sobre os agentes econômicos envolvidos nessa parceria, bem como, algumas externalidades percebidas no meio ambiente. Apontam-se, ainda, questões a serem aprimoradas nessa importante iniciativa.

Acredita-se, assim, estar contribuindo com informações para orientar a implementação de políticas públicas no meio rural, mormente as relacionadas à expansão do dendezeiro no Estado do Pará, bem como, servir de referência para as experiências mais recentes de integração entre as agroindústrias e os pequenos produtores (OLIVEIRA et al., 2013).

## 2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA INICIATIVA

O cultivo comercial do dendezeiro no Estado do Pará iniciou-se, em 1965, a partir da experiência pioneira da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), no atual Município de Santa Bárbara, com a colaboração do Institut de Recherches pour les Huiles et Oléagineux (IRHO), por iniciativa de Clara Pandolfo (1912-2009). Este plantio, em 1974, saiu da alçada da SUDAM para a Dendê do Pará S/A (DENPASA), constituindo-se em um grande laboratório de experiências sobre o cultivo de dendezeiro na Amazônia (HOMMA et al., 2000; HOMMA & FURLAN JÚNIOR, 2001; HOMMA & VIEIRA, 2012).

Na década de 1980, surgiram novas empresas interessadas no cultivo do dendezeiro no Estado do Pará, entre elas a atual Agropalma, que tem sua origem no ano de 1982 com a fundação da Companhia Real Agroindustrial S.A (CRAI), localizada no município de Tailândia, com uma área de 5 mil ha. Após um processo de incorporação de quatro outras agroindústrias, passou a constituir-se em um dos mais modernos complexos agroindustriais de cultivo de dendezeiro, produção e processamento de óleo dessa palmeira no país. Hoje possui 39 mil ha de área plantada com essa cultura.

A partir da experiência da Agropalma, em meados de 2000 foi firmada uma “Carta Compromisso”, entre os principais atores responsáveis pelo fomento do setor rural no Estado do Pará, com o propósito de implementar o “Programa de dendê no nível de pequenos produtores”. No início de 2002, por sua vez, Governo Estadual, Prefeitura Municipal de Moju, Agropalma e Banco da Amazônia firmaram um “Convênio de Cooperação Técnica” com as bases do “Projeto piloto da cultura do dendê no município de Moju” onde se estabeleciam os fundamentos para deslançar o cultivo do dendezeiro com a inserção dos investimentos por parte de pequenos produtores (REBELLO; COSTA, 2012; REBELLO, 2012). Com essa iniciativa, pretendia-se consolidar uma nova oportunidade de renda e ocupação para os pequenos agricultores da região, uma vez que o cultivo dessa palmeira é intensivo em trabalho, vindo, assim, a contribuir para melhoria da qualidade de vida desse contingente populacional.

Ainda segundo Rebello e Costa (2012), a parceria pioneira estabelecia responsabilidades mutuas entre os atores, onde se destacavam as seguintes: i) participação da Agropalma com contrapartida não reembolsável pelo produtor, na proporção de aproximadamente 40% do investimento, compreendendo: preparo da área, levantamento topográfico, piqueteamento, mudas, sementes de puerária, adubação de fundação (fósforo de cova), acompanhamento técnico, garantia de compra e, garantia de preço mínimo; ii) retenção de 25% do valor da receita do cultivo do dendezeiro a ser depositado no Banco da Amazônia (Agência de Abaetetuba), em conta poupança no nome de cada titular de financiamento, para ressarcimento do mesmo, visando inadimplência zero ao programa e bônus de adimplência ao produtor; iii) proporcionar o pagamento de um salário mínimo a cada dois meses até que o dendezal entrasse em produção, já que esta é uma cultura muito demandante de mão de obra neste período (o recurso seria assegurado no fluxo financeiro do projeto); iv) acompanhamento mensal do desenvolvimento do programa por meio de reuniões periódicas entre as todas as partes envolvidas para equacionar possíveis problemas que viessem a ocorrer.

O primeiro projeto foi firmado em 2002 junto a 50 famílias, quando foram financiados 500 hectares de dendezeiro, ou seja, 10 hectares por família. Os lotes localizavam-se em áreas contíguas e a integração rodoviária da área foi realizada pela Agropalma, que também se responsabilizou por sua manutenção. A empresa coordenou a implantação do projeto, colocando um técnico de campo para gerenciar o programa desde a fase de seleção, repasse de informações, capacitação dos produtores até a implantação dos projetos. No início havia

muita desconfiança por parte dos pequenos produtores com relação à proposta da Agropalma, pois entendiam que a empresa iria apossar de suas terras.

Assim como a orientação técnica, a Agropalma também forneceu as mudas e responsabilizou-se pela compra e repasse do adubo de manutenção dos plantios. Outras iniciativas semelhantes ocorreram nos anos de 2004, 2005 e 2006, totalizando uma parceria com 185 famílias e uma área cultivada de 1.710 hectares. Dos pequenos produtores selecionados, originalmente, ocorreram 15 substituições, 6 desistências e 3 falecimentos, totalizando 24 novos egressos, perfazendo 12,97% de mudança em relação ao total.

A produção, no plantio pioneiro, iniciou no final de 2004, levando o presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), a efetuar uma visita na Comunidade de Arauaí, em 26 de abril de 2005 que serviu de oportunidade para o lançamento do Programa de Produção Sustentável da Palma de Óleo no Brasil, pelo presidente, no município de Tomé-Açu, Pará, no dia 6 de maio de 2010.

### **3. OBJETIVO DA PESQUISA**

Avaliar os efeitos socioeconômicos e ambientais da integração entre os pequenos produtores de dendezeiros com a Agropalma, localizados na Comunidade de Arauaí, Município de Moju, cujos plantios tiveram início em 2002, especificamente, em relação à renda e à qualidade de vida.

### **4. COLETA DOS DADOS**

A coleta dos dados foi realizada por equipe de Pesquisadores da Embrapa Amazônia Oriental, através da utilização de um questionário com perguntas semiabertas e/ou fechadas, que obedeceram aos critérios de uma linguagem coloquial, procurando usar o máximo de expressões conhecidas dos entrevistados, de modo que as informações obtidas permitissem atingir os objetivos da pesquisa. A realização deste levantamento contou com a prévia aquiescência da liderança da Associação dos Produtores de Arauaí, dos produtores independentes e da Agropalma. As entrevistas foram realizadas no período de 9 a 16 de agosto de 2013, na Comunidade de Arauaí, no Município de Moju, sendo entrevistados 31 agricultores familiares, todos parceiros com o Grupo Agropalma.

As variáveis selecionadas para análise foram organizadas em características do produtor e da propriedade; uso da terra e da mão de obra no plantio de dendezeiro; produção, comercialização e renda relativas ao cultivo do dendezeiro; aspectos organizacionais e institucionais relacionados ao cultivo do dendezeiro; renda e satisfação relativas à cultura do dendezeiro e; decisões do produtor em relação à cultura do dendezeiro.

Na maioria das vezes, as entrevistas com os produtores foram realizadas com a presença da esposa e filhos visando à obtenção do maior número possível de informações sobre a situação familiar. Cabe esclarecer que, em algumas entrevistas, não houve a participação da família por causa das atividades desenvolvidas no estabelecimento. Não foi sentido qualquer tipo de rejeição ou inibição por parte dos pequenos produtores uma vez que se estimulou um ambiente de liberdade de expressão dos mesmos, facilitando a participação de grande parte dos entrevistados, além de gerar a troca de experiências, informações e ideias entre pesquisadores e pequenos produtores envolvidos na pesquisa. Os dados do levantamento de campo foram tabulados e analisados, obtendo-se os estratos, as médias e valores percentuais de participação.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### CARACTERÍSTICAS DO PRODUTOR E DA PROPRIEDADE

Com relação à origem dos pequenos produtores envolvidos no Projeto Dendê (Tabela 1), 80,6% são paraenses, mas existindo considerável quantidade de cearenses (16,1%) e menor proporção de maranhenses (3,2%). Em comparação a outras regiões de fronteira agrícola no Estado do Pará, a ocupação no Município de Moju é predominantemente de paraenses.

Tabela 1. Origem dos produtores, grau de escolaridade e tempo de residência.

<b>Estado de origem</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Pará	25	80,6
Ceará	5	16,1
Maranhão	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

  

<b>Grau de escolaridade</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Analfabeto	7	22,6
Fundamental incompleto	22	71,0
Fundamental completo	2	6,5
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

  

<b>Tempo de residência</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
1 a 10 anos	10	32,3
11 a 20 anos	7	22,6
Mais de 20 anos	14	45,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Na situação educacional, observou-se que as escolas existentes na Comunidade de Arauaí estão com boas condições estruturais, como carteiras novas, com bastante material escolar, além do bom nível dos professores que passam a semana no local. Porém, a escola contempla apenas algumas séries do ensino fundamental, limitada ao espaço físico que é pequeno para comportar mais alunos. Além disso, não há programas voltados ao ensino de jovens e adultos o que torna elevada a quantidade de pessoas que são analfabetas (22,6%) ou que não completaram o ensino fundamental (71,0%) como mostra a Tabela 1.

Com relação ao tempo de residência, grande parte (45,2%), reside na referida Comunidade há mais de 20 anos, porém, há também um expressivo número de produtores que ali residem há menos de 10 anos, mostrando que o Programa atraiu pessoas de outros locais em busca de uma vida melhor. Outros 22,6% afirmaram residir entre 11 e 20 anos na localidade (Tabela 1). Como foram relatadas por vários entrevistados, no início eram grandes as dificuldades e, com isso, vários saíram dos lotes e negociaram a venda do plantio de dendezeiro com outros pequenos produtores.

Referente às atividades que os pequenos produtores desenvolviam antes de participar do Projeto Dendê, constata-se que a maioria dos entrevistados (87,1%) tinha na agricultura sua principal atividade, sendo a mandioca (80,6%), milho (67,7%) e arroz (64,5%) os cultivos com maior participação entre os produtores, caracterizando uma agricultura de derruba e queima, conforme pode ser visualizado na Tabela 2. Outros 9,7% dos entrevistados eram pequenos comerciantes e 3,2% trabalhadores rurais que moravam na Comunidade e vendiam

sua força de trabalho para serviços como broca, derruba, coivara e tratos culturais nos estabelecimentos vizinhos.

Tabela 2. Atividades e experiência anteriores da implantação do dendezeiro.

<b>Atividades antes do dendezeiro</b>			<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Agricultura			27	87,1
Comércio			3	9,7
Trabalho avulso na atividade rural			1	3,2
<b>Total</b>			<b>31</b>	<b>100,0</b>

  

<b>Experiência anterior com dendezeiro</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Não	26	83,9
Sim	5	16,1
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

O levantamento evidenciou que 83,9% dos pequenos produtores não tinham experiência com a cultura do dendezeiro e 16,1% já possuíam experiência com a cultura em função de já ter trabalhado na Agropalma (Tabela 2). Este aspecto denota que os pequenos produtores não são avessos a inovações, desde que exista assistência técnica e uma cultura que tenha perspectiva de preço e de mercado. A quase totalidade dos pequenos produtores estudados afirmou que participa do Projeto Dendê desde o início da implantação e 9,7% adquiriram lotes de desistentes (Tabela 3).

Tabela 3. Quantitativo de produtores que participam desde o início do Projeto Dendê.

<b>Participação desde o início do Projeto</b>	<b>Produtores</b>	<b>%</b>
Não	3	9,7
Sim	28	90,3
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

A condição da infraestrutura na Comunidade de Arauaí configura-se em um quadro pouco desenvolvido. Uma das principais necessidades colocadas pelos entrevistados é a implantação de uma escola com segundo grau completo. Este é um grande problema que afeta diretamente a permanência dos filhos dos pequenos produtores na Comunidade.

Outros componentes que contribuem na precariedade de infraestrutura são: saúde, transporte coletivo regular, telefonia, água potável, tipo de moradia, comercialização da produção e segurança pública. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Monteiro (2013) e Monteiro et al. (2013) ao avaliar a situação socioambiental dos pequenos produtores da Comunidade de Arauaí.

No que tange ao abastecimento de água (Tabela 4), 93,6% das famílias possuíam poço amazônico/artesiano, enquanto 6,5% disseram ser atendidos por rede de água da Vila. Demais disso, verificou-se que 67,8% dos produtores tratavam de alguma forma a água consumida (ferve, filtra ou trata com hipoclorito); enquanto 32,2% não tratavam a água consumida, o que pode trazer riscos à saúde em um local que não conta com postos de saúde ou hospital.

As moradias dos produtores da Comunidade de Arauaí são de características simples ainda que, segundo os entrevistados, tenham melhorado após a entrada no Projeto Dendê.

Basicamente, eram de madeira (61,2%), com telha de barro (80,6%), piso de cimento (83,8%), possuíam mais de três cômodos (70,9%). Outras características podem ser verificadas na Tabela 5. Vale ressaltar que a maioria dos entrevistados afirmou que tem uma boa casa para morar com seus familiares, sem contar com o apoio de programas governamentais.

Tabela 4. Abastecimento de água da Comunidade de Arauaí.

<b>Abastecimento de água</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Poço amazônico	18	58,1
Poço artesiano	11	35,5
Rede pública	2	6,5
<b>Tratamento de água</b>		
Ferve	2	6,5
Filtra	2	6,5
Hipoclorito	17	54,8
Não Trata	10	32,3
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 5. Características da residência dos produtores.

<b>Característica da residência</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Madeira	19	61,3
Alvenaria	11	35,5
Mista	1	3,2
<b>Característica da cobertura</b>		
Telha de barro	25	80,6
Brasilit	3	9,7
Mista	2	6,5
Cavaco	1	3,2
<b>Características do piso</b>		
Cimento	26	83,8
Madeira	3	9,7
Barro	1	3,2
Lajota	1	3,2
<b>Quantidade de cômodos</b>		
Mais de 3 cômodos	22	70,9
Até 3 cômodos	9	29,1

Fonte: dados da pesquisa.

Observou-se que a vida dos pequenos produtores melhorou em vários aspectos, principalmente, no acesso a bens duráveis (Tabela 6) que foi fortemente influenciado pelo aumento da renda e do acesso à energia elétrica na comunidade, a partir de 2008, com o Programa Luz para Todos.

Dentre os bens, destaca-se a presença do fogão a gás em todos os lares pesquisados. Ainda assim, a participação do fogão a lenha manteve-se a mesma (90,3%) antes e depois do

início do Projeto. Outros bens, como televisão, geladeira, máquina de lavar e outros eletrodomésticos tiveram considerável aumento decorrente do acesso à energia elétrica e do aumento na renda. A utilização de telefone celular sofreu exponencial crescimento, onde algum membro da família dispõe do equipamento, garantindo o acesso à comunicação, além de moto, que proporcionou o encurtamento de distâncias.

Há que se notar, ainda, que a melhora na renda propiciou que mais famílias obtivessem equipamentos para o auxílio na produção, como carrinho de mão, roçadeira costal, 10 tratores novos financiados pelo Banco da Amazônia e uma adubadeira adquirida de forma compartilhada entre um grupo de produtores. A posse do motosserra ficou reduzida em função dos projetos de dendezeiros já estarem implantados não necessitando de preparo de área e da mudança do tipo de agricultura.

Tabela 6. Posse de bens duráveis pelos produtores antes e depois da introdução do dendezeiro.

Bens	Antes		Depois	
	Produtores	(%)	Produtores	(%)
Fogão/gás	17	54,8	31	100,0
Fogão/lenha	28	90,3	28	90,3
TV	6	19,4	28	90,3
Antena parabólica	2	6,5	27	87,1
Telefone celular	1	3,2	26	83,9
Geladeira	3	9,7	24	77,4
Máquina de lavar	2	6,5	24	77,4
Moto	4	12,9	22	71,0
DVD	3	9,7	22	71,0
Bicicleta	18	58,1	20	64,5
Freezer	0	0	18	58,1
Carro de mão	2	6,5	15	48,4
Aparelho de som	2	6,5	15	48,4
Ferro elétrico	0	0	15	48,4
Trator	0	0	10	32,3
Máquina de costura	5	16,1	10	32,3
Motosserra	11	35,5	9	29,0
Roçadeira costal	0	0	8	25,8
Carro	0	0	3	9,7
Motor-luz	2	6,5	2	6,5
Computador	0	0	2	6,5
Ferro a carvão	7	22,6	2	6,5

Fonte: dados da pesquisa.

#### USO DA TERRA E DA MÃO DE OBRA NO PLANTIO DE DENDEZEIRO

De acordo com os dados levantados, observou-se que os pequenos produtores entrevistados não possuíam título definitivo da terra, tinham somente o recibo de compra e venda da propriedade. Na comunidade de Arauaí predominam estabelecimentos com área inferior a 100 ha, conforme pode ser observado na Tabela 7. A maioria das propriedades estava no estrato de 10 a 20 hectares, com percentual de 45,2%, seguido de 21 a 40 hectares, representado por 25,8% e, com área de 41 a 60 hectares, o percentual de 12,9%.

Tabela 7. Área total do estabelecimento e de dendezeiro.

Área do lote (ha)	Produtores	(%)
10 a 20	13	41,9
21 a 40	8	25,8
41 a 60	4	12,9
61 a 80	2	6,5
81 a 100	3	9,7
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

  

Área de dendezeiro (ha)	Produtores	(%)
6	2	6,5
10	29	93,5
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

O levantamento sobre a área plantada com dendezeiro evidenciou que 93,5% possuíam 10 hectares e somente 6,5% tinham área com seis hectares. Ressalta-se que os lotes são relativamente pequenos, 71,0% com até 40 hectares, o que não permite a ampliação do cultivo de dendezeiro e de outras culturas (Tabela 7) em face aos requisitos legais. O uso da terra na Comunidade de Arauaí mostrou que 61,3% dos entrevistados não possuíam mais área de mata em sua propriedade, 22,6% ainda tinham de um a 10 hectares, 9,7% de 11 a 30 hectares, 3,2% de 31 a 60 hectares e 3,2% mais de 60 hectares (Tabela 8).

Tabela 8. Área de mata e de capoeira dos estabelecimentos dos produtores.

Área de mata (ha)	Produtores	(%)
0	19	61,3
1 a 10	7	22,6
11 a 30	3	9,7
31 a 60	1	3,2
Mais de 60	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

  

Área de capoeira (ha)	Produtores	(%)
0	6	19,4
1 a 10	10	32,3
11 a 25	15	48,3
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com os dados da Tabela 8 verifica-se que 48,3% das propriedades possuíam de 11 a 25 hectares com área de capoeira, 32,3% de 1 a 10 hectares e 19,4% já não possuíam área de capoeira. Isso representa uma limitação para a renovação ou expansão do cultivo de dendezeiro em suas propriedades em consonância com a legislação do Novo Código Florestal. Observa-se ainda que muitos pequenos produtores não têm mais condições de colocar novos roçados na propriedade levando-os a adquirir produtos básicos como arroz, feijão e farinha no comércio local. Verificou-se durante o levantamento que um pequeno grupo de agricultores vem adquirindo terras na Comunidade de Arauaí.

Os resultados na Tabela 9 evidenciam a utilização significativa da área de capoeira para a implantação de roçados. Dos pequenos produtores entrevistados 74,2% ainda faziam seu

próprio roçado principalmente para o cultivo das culturas alimentares e 25,8% não realizavam mais essa prática em função de não possuírem mais área disponível e com a renda que conseguem com a cultura do dendezeiro, adquiriam os produtos básicos no comércio local, o que também caracteriza estratégia de segurança alimentar.

Tabela 9. Produtores que possuem roçado e a área de roça.

<b>Roçado</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Sim	23	74,2
Não	8	25,8
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>
<b>Área de roça (ha)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
0,3 a 1,9	19	61,3
2 a 3,9	4	12,9
Não	8	25,8
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo relato dos produtores entrevistados, a atividade com dendezeiro proporciona mais lucro e com isso eles tinham condições de adquirir farinha de mandioca, milho e arroz no comércio da Comunidade de Arauaí. Contudo, observa-se que os plantios com culturas alimentares ainda são bastante praticados pela maioria dos agricultores na área de estudo. A dimensão da área do roçado (Tabela 9) variou de 0,3 a 1,9 ha para 61,3% dos pequenos produtores e de 2 a 4 ha para 12,9% dos produtores, sendo que 25,8% não possuíam mais roçado em sua área. Os cultivos plantados nos roçados eram bastante diversificados, destacando-se mandioca (71,0%), milho (67,7%) e arroz (64,5%), conforme mostrado na Tabela 10. A disponibilidade de renda assegurada pelo dendezeiro permitia essa flexibilidade de cultivos para atender ao autoconsumo, sem ficar associado a um cultivo anual principal.

Tabela 10. Culturas plantadas nos roçados antes e depois do Projeto Dendê

<b>Culturas</b>	<b>Antes do Projeto</b>		<b>Depois do Projeto</b>	
	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Mandioca	26	83,8	22	71,0
Milho	21	67,7	21	67,7
Arroz	20	64,5	20	64,5
Banana	8	25,8	15	48,4
Feijão	7	22,6	14	45,2
Abóbora	2	6,5	17	54,8
Macaxeira	2	6,5	17	54,8
Batata doce	1	3,2	0	0,0
Pimenta-do-reino	1	3,2	0	0,0
Maxixe	0	0,0	16	51,6
Melancia	0	0,0	16	51,6
Quiabo	0	0,0	7	22,6
Abacaxi	0	0,0	5	16,1

Fonte: dados da pesquisa.

Antes de participar do Projeto Dendê, a base de sustento das famílias era o cultivo de culturas anuais. Segundo a Tabela 10, verifica-se que 83,7% dos pequenos produtores plantavam mandioca, 67,7% milho e 64,5% arroz com finalidade de fornecer alimento e renda para a família e, ainda, havia a criação de aves e de suínos. O cultivo do arroz exigia a constante derrubada de floresta densa ou de capoeira de avançado desenvolvimento. A venda de mão de obra constituía, também, importante estratégia na sustentabilidade dos pequenos produtores.

Comparando as informações da Tabela 10 percebe-se que o número de agricultores interessados no cultivo das três principais culturas praticadas na comunidade, antes e depois da introdução do dendezeiro, permaneceu o mesmo para os casos do milho e do arroz. A mandioca foi reduzida em quatro propriedades, principalmente, em função da competição por mão de obra. Nota-se, ainda, que o sistema atual é mais diversificado e voltado para o autoconsumo com o plantio de maxixe, melancia, quiabo e abacaxi, tendo-se, no entanto, deixado de cultivar a pimenta-do-reino.

O emprego da mão de obra no cultivo do dendezeiro evidenciou que a força de trabalho familiar existente não é suficiente havendo necessidade de contratação de trabalhadores para operações consideradas mais penosas. A Tabela 11 destaca as atividades onde se verificou o uso da mão de obra contratada, familiar e em parceria. As principais atividades predominantemente contratadas foram adubação química com 70,5%, poda com 67,7%, colheita com 64,5%, transporte com 38,7%, plantio com 29,0%, roçagem com 74,2% e, coroamento com 54,8%. Já no uso da mão de obra familiar observa-se que predominou a contratada somente nas atividades de transporte com 54,9% e no plantio com 71,0%. Ressalta-se que todas as atividades sobre tratos culturais eram desenvolvidas com a supervisão da Agropalma, sendo que o controle de pragas e doenças tinha acompanhamento periódico da assistência técnica junto aos agricultores.

Tabela 11. Utilização de mão de obra familiar, contratada e em parceria no cultivo do dendezeiro.

Atividades de Produção	de	Contratada		Familiar		Parceria	
		Produtores	(%)	Produtores	(%)	Produtores	(%)
Roçagem	23		74,2	8	25,8	0	0,0
Adubação química	22		70,5	11	29,1	0	0,0
Poda	21		67,7	9	29,0	0	0,0
Colheita	20		64,5	10	32,2	0	0,0
Coroamento	17		54,8	14	45,1	0	0,0
Transporte	12		38,7	17	54,9	0	0,0
Plantio	9		29,0	22	71,0	0	0,0
Armadilha	0		0	0	0	31	100,0

Fonte: dados da pesquisa.

A dificuldade de contratar mão de obra foi relatada por 67,8% dos pequenos produtores, sendo que 32,2% afirmaram isso não constituía problema, uma vez que muitos serviços eram realizados em parceria com os vizinhos (Tabela 12). Outra dificuldade relatada foi o custo da mão de obra que, em 2013, chegou a atingir R\$ 50,00 a diária para colheita dos cachos e limpeza do dendezal e cerca de R\$ 40,00 por dia para mulheres realizarem a coleta dos frutos no chão. A modalidade de empreita era muito utilizada na colheita dos cachos, pagando-se, no mesmo período, em média, R\$ 15,00 a tonelada.

Com o intuito de legalizar a contratação da mão de obra, a Agropalma estabeleceu uma espécie de condomínio rural com a Associação de Produtores da Comunidade de Arauaí para a contratação dessa força de trabalho. O período de agosto a janeiro é considerado o período de safra da cultura, concentrando-se com maior intensidade nos meses de setembro a dezembro.

Tabela 12. Dificuldade para contratação de mão de obra pelos pequenos produtores da Comunidade de Arauaí.

<b>Dificuldade contratar mão de obra</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Sim	21	67,8
Não	10	32,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

### PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E RENDA RELATIVOS AO CULTIVO DO DENDEZEIRO

A produção de cachos de dendê vem apresentando crescimento ao longo dos anos. Na safra de 2011, 19,4% dos entrevistados produziram entre 38 a 99 toneladas, 51,6% de 100 a 199 toneladas e 29,0% de 200 a 236 toneladas. Na produção de 2012, 61,3% dos entrevistados colheram 100 a 199 toneladas e 32,2% de 200 a 264 toneladas de cachos de frutos. Ainda nesse levantamento, foi solicitada uma estimativa da produção de cachos de dendê para o ano 2013. Foi verificado que 6,4% dos entrevistados previam colher até 99 toneladas, 35,5% de 100 a 199 toneladas, 35,5% entre 200 a 299 toneladas e 22,6% até 324 toneladas (Tabela 13).

Tabela 13. Produção de cachos de dendê nos anos de 2011 a 2013.

<b>Produção em 2011 (t)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
38 a 99	6	19,4
100 a 199	16	51,6
200 a 236	9	29,0
<b>Produção em 2012 (t)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
40 a 99	2	6,5
100 a 199	19	61,3
200 a 264	10	32,2
<b>Previsão para 2013 (t)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
50 a 99	2	6,4
100 a 199	11	35,5
200 a 299	11	35,5
300 a 324	7	22,6
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

A prática de colher os frutos maduros de dendê caídos por ocasião do corte de cachos não era efetuada por 71,0% dos pequenos produtores devido ao baixo rendimento desse trabalho, sendo que 29,0% realizavam essa prática devido os frutos apresentarem maior concentração de óleo. Em relação às perdas do fruto da palma os entrevistados afirmaram que

este pode ser estimado em cerca de 5% de toda a produção de cachos de frutos frescos.

De acordo com os agricultores entrevistados, a introdução de novas técnicas tem sido um diferencial nos últimos anos, como o uso de adubadeira, que permitiu a aplicação de adubo em quantidade correta e de forma homogênea; manejo nos três primeiros anos de implantação da cultura, proporcionando uma produção de 18 a 22 t/ano de cachos de frutos frescos por hectare. No sentido de estimular os agricultores que conseguem melhores padrões de qualidade, a Agropalma compensa com um bônus de 8% a mais no valor da tonelada do cacho de fruto fresco.

O controle de erva daninha no entorno das plantas de dendezeiro era efetuado por 90,3% dos entrevistados mediante o coroamento na forma da roçagem manual, utilizando apenas o terçado ou a enxada. Para 6,5% entrevistados o controle de erva daninha era efetuado utilizando a roçadeira mecânica e 48,4% utilizavam herbicida (Tabela 14), de forma combinada com outro método. Esse controle consiste em eliminar as plantas que circundam o dendezeiro, proporcionando o bom desenvolvimento das plantas e a diminuição do ataque de roedores. Além disso, o coroamento é fundamental para a identificação do ponto de colheita dos cachos, caracterizada pela presença de frutos soltos, e para a coleta desses frutos. A planta de cobertura do solo mais utilizada era a puerária (*Pueraria phaseoloides*), que tem como vantagens manter o controle de plantas daninhas nas entrelinhas, incorporar matéria orgânica, proteger o solo da erosão e fixar nitrogênio atmosférico.

Tabela 14. Método de controle de ervas daninhas utilizado no entorno dos dendezeiros pelos produtores.

Controle de ervas daninhas	Produtores	(%)
Roçagem manual	28	90,3
Roçagem mecânica	2	6,5
Herbicida	15	48,4

Fonte: dados da pesquisa.

O manejo fitossanitário é feito mediante monitoramento constante das principais pragas, incluindo a castnia (*Eupalamides cyparissias cyparissias*), bicudo das palmáceas ou *Rhynchophorus* (*Rhynchophorus palmarum*) e o complexo de lagartas desfolhadoras (*Opsifanes invirae* e *Brasolis sophorae*), e do anel vermelho, doença que mais ocorre na região, que causa mortalidade de plantas e tem como vetor o *Rhynchophorus*. Uma vez detectado nível de dano econômico é feito controle. Na Tabela 15, observa-se que 77,4% dos pequenos produtores realizavam o controle de pragas através de armadilha e 22,6% utilizando pulverizações associadas com armadilhas na plantação de dendezeiro.

Tabela 15. Controle de pragas na plantação de dendezeiro.

Controle de pragas	Produtores	(%)
Armadilha	24	77,4
Pulverização + armadilha	7	22,6
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Buscou-se também verificar se houve algum dendezeiro morto como indicador da segurança agrônômica da cultura frente a pragas, doenças ou intempéries (Tabela 16).

Verificou-se que, 74,2% dos entrevistados que participam do Projeto Dendê já tiveram pelo menos uma planta morta na sua propriedade e, 25,8% não. Quando ocorrem sinais de morte de dendezeiro, segundo os entrevistados, os técnicos da Agropalma, procuram rapidamente analisar a causa, preocupados com o amarelecimento fatal, que é o principal agente fitossanitário da cultura.

Tabela 16. Perda de dendezeiros no estabelecimento.

<b>Perda de dendezeiros</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Sim	23	74,2
Não	8	25,8
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa

Os cachos colhidos são conduzidos aos pontos de amontoa na beira das estradas e colocados em containers que os levam até a rampa de recepção da usina de extração de óleo. No início do Projeto Dendê foram utilizados burros para transportar os cachos até os pontos de amontoa que foram abandonados devido ao custo de manutenção destes animais.

O custo de transporte por tonelada de cacho decorre da distância da propriedade até a unidade beneficiadora da Empresa, onde 80,6% pagaram entre R\$ 21,00 a R\$ 25,00 e 19,4% pagaram R\$ 26,00 a R\$ 30,00.

Um fato muito questionado decorre de a Agropalma não autorizar os próprios produtores a transportar sua produção até a unidade beneficiadora da Empresa, uma vez que é feita por uma firma terceirizada, elevando os custos de produção e, conseqüentemente, diminuindo o lucro dos pequenos produtores, segundo os mesmos. Outra grande insatisfação é com a falta de transparência com que a Agropalma conduz a pesagem dos cachos de dendê. Segundo os entrevistados, a empresa não permite a pesagem assistida e paga aos agricultores pelo peso médio da pesagem de um contêiner que, na maioria das vezes, contém cachos de outros agricultores.

Em razão dos lucros obtidos, começaram a surgir opiniões contrárias com relação ao pagamento do serviço de fretes para o transporte de cachos de frutos. Uma corrente defende que os fretes consumiram mais de 300 mil reais e com isso seria possível adquirir uma caçamba basculante para efetuar o transporte dos cachos de dendê até a unidade de beneficiamento da Agropalma. Contudo, a maioria defende que não basta apenas uma caçamba, uma vez que a empresa terceirizada pela Agropalma chega a colocar quatro caçambas no auge da colheita, sem que os produtores tenham preocupação com peças e manutenção, pagamento de motoristas e no desvio de funções que provavelmente uma caçamba da Associação estaria sujeita.

A Agropalma intermedia a aquisição de fertilizantes e repassa para os agricultores a preço de custo. Esta estratégia faz com que o produto seja adquirido por melhores preços devido à compra de grandes quantidades de fertilizante. Os fertilizantes químicos já misturados são fornecidos pela Agropalma em grandes sacolões (bags) de uma tonelada na propriedade.

#### ASPECTOS ORGANIZACIONAIS E INSTITUCIONAIS RELACIONADOS AO CULTIVO DENDEZEIRO

Todos os agricultores entrevistados fazem parte da Associação de Produtores da Comunidade de Arauaí uma vez que muitas ações produtivas dependem desta união, como no

transporte de cachos de dendê por empresa terceirizada a partir de 2005, da inter-relação com a Agropalma e da legalização da mão de obra. Já com relação ao Sindicato de Produtores, este apresenta baixa participação, conforme relatos dos entrevistados, devido ao conflito entre os próprios atores participantes, que não têm um objetivo comum (Tabela 17).

Tabela 17. Associativismo dos produtores da Comunidade de Arauaí.

<b>Associativismo</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Associação de Produtores	31	100,0
Sindicato	2	6,5
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

A excelência do serviço de assistência técnica prestada pelos técnicos da Agropalma é comprovada por 96,8% dos entrevistados, sendo que somente 3,2% denotam insatisfação ou discordância com o serviço prestado (Tabela 18).

Tabela 18. Opinião dos produtores sobre a qualidade e a frequência da assistência técnica.

<b>Qualidade da assistência técnica</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Boa	30	96,8
Ruim	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

  

<b>Frequência da assistência técnica</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Constante	17	54,8
Quinzenalmente	8	25,8
Semanalmente	5	16,1
Não recebe	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação à frequência da assistência técnica aos pequenos produtores, observa-se que 58,1% tinha assistência constante por estarem no roteiro de acesso dos técnicos, 16,1% assistência semanal e 25,8% quinzenal. De acordo com a Tabela 18, observa-se que a maioria dos entrevistados afirmou dispor de assistência técnica constante.

A necessidade de treinamento e de assistência técnica constitui-se de grande importância para os pequenos produtores. Com base nos resultados do levantamento de campo, observa-se que 80,6% deles receberam algum tipo de treinamento na busca de ter uma melhor qualificação no desenvolvimento de suas atividades e 19,4% não receberam.

O acesso à informação (Tabela 19) ocorre, principalmente, através da Agropalma que mantém técnicos a disposição dos produtores, além de fornecer treinamento e cursos constantes. Em seguida, a Associação de Produtores constitui-se, também, em importante fonte de acesso às informações; programas de televisão e a interação com outros produtores completavam a lista de fontes mais acessadas. Muitos entrevistados relataram a necessidade de maior conhecimento no preparo de mudas, técnica de plantio e uso da mecanização.

Tabela 19. Acesso à informação sobre agricultura pelos produtores.

<b>Acesso à informação</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Agropalma	16	51,6
Associação	15	48,4
Globo Rural	12	38,7
Vizinho	9	29,0
Curso	5	16,1
Emater	2	6,5
Rádio	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Todos os agricultores disseram ter contratado financiamento para a fase inicial do Projeto junto ao Banco da Amazônia. Os valores variaram de R\$ 4.000,00 a mais de R\$ 50.000,00. No estrato de R\$ 5.000,00 a R\$ 10.000,00 foi o que houve o maior número de produtores financiados. Acima de R\$ 20.000,00 somaram 32,3% do total, o que mostra um considerável custo de implantação para uma categoria descapitalizada (Tabela 20).

Tabela 20. Financiamentos para o plantio de dendzeiro nos últimos cinco anos.

<b>Valor de financiamento (R\$)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
4.000,00 a 5.000,00	6	19,4
5.000,00 a 10.000,00	10	32,2
10.000,00 a 20.000,00	5	16,1
20.000,00 a 50.000,00	8	25,8
Mais de 50.000,00	2	6,5
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

#### RENDA E SATISFAÇÃO RELATIVAS À CULTURA DO DENDEZEIRO

A questão da remuneração (Tabela 21) é outro fator que leva grande parte dos produtores a sentirem-se satisfeitos com a plantação de dendzeiro. A maioria (51,6%) disse ter entre R\$ 30.000,00 a R\$ 50.000,00 de Renda Bruta Anual. A percepção da Renda Líquida Anual pelos entrevistados é que o cultivo do dendzeiro tem proporcionado o custeio das despesas no cultivo, a manutenção das famílias e a melhoria da qualidade de vida.

Tabela 21. Renda Bruta e Líquida Anual obtida com o cultivo do dendzeiro.

<b>Renda Bruta (R\$)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
15.000,00 a 30.000,00	9	29,0
30.000,00 a 50.000,00	16	51,6
50.000,00 a 70.000,00	6	19,4
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>
<b>Renda Líquida (R\$)</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
8.000,00 a 10.000,00	2	6,5
10.000,00 a 20.000,00	10	32,2
20.000,00 a 30.000,00	15	48,4
30.000,00 a 50.000,00	3	9,7

Mais de 50.000,00	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme pode ser observado na Tabela 21, a Renda Líquida Anual estimada pelos entrevistados variou de R\$ 8.000,00 a R\$ 10.000,00 para 6,5% dos pequenos produtores, de R\$ 10.000,00 a R\$ 20.000,00 para 32,2%, de R\$ 20.000,00 a R\$ 30.000,00 para 48,4%, de R\$ 30.000,00 a R\$ 50.000,00 para 9,7% e, acima de R\$ 50.000,00 para 3,2%. Vale observar que os plantios de dendezeiros ainda não atingiram o pico de produção devido à maturidade. Isso reforça a perspectiva do cultivo do dendezeiro como alternativa para pequenos produtores desde que as condições técnicas, sociais e ambientais sejam respeitadas, utilizando as áreas já alteradas que sejam apropriadas para esta cultura.

De acordo com os dados levantados, observa-se na Tabela 22 que a renda complementar da maioria dos pequenos produtores vem da Bolsa Família (64,5%). Para 29,0% dos entrevistados a renda complementar provém da aposentadoria e 6,5% oriunda da pensão do falecimento dos maridos.

Tabela 22. Renda complementar recebida pelos produtores.

<b>Renda complementar</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Bolsa Família	20	64,5
Aposentadoria	9	29,0
Pensão	2	6,5
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa

O grau de satisfação com o investimento no dendezeiro tem sido elevado, apesar de alguns problemas. O percentual de produtores que se consideravam satisfeitos ou muito satisfeitos foi de 83,9%, 12,9% medianamente satisfeitos e, 3,2%, pouco satisfeitos (Tabela 23). As razões para isso vão desde problemas com a plantação, principalmente, no Projeto III que não produz de forma satisfatória, devido ao plantio de cultivar diferente dos Projetos I e II, concentrando a produção em curto período, até problemas como a falta de infraestrutura, saúde e segurança, esta última muito grave na Comunidade, com assaltos e venda de drogas nas redondezas. O Projeto representou uma mudança de padrão de vida para a comunidade e uma esperança de dias melhores demonstrando, que a cultura do dendezeiro é uma opção viável para pequenos produtores desde que tenha assistência técnica, financiamento, acompanhamento fitossanitário e garantia de comercialização assegurada.

Tabela 23. Grau de satisfação com a plantação de dendezeiro.

<b>Satisfação com o dendezeiro</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Satisfeito	14	45,2
Muito satisfeito	12	38,7
Medianamente satisfeito	4	12,9
Pouco satisfeito	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

**DECISÕES DO PRODUTOR EM RELAÇÃO À CULTURA DO DENDEZEIRO**

Quanto ao possível aproveitamento da área do plantio de dendezeiro para intercalar outros cultivos, 87,1% afirmaram quanto a esta impossibilidade, 6,5% dos pequenos produtores afirmaram que é permitido e, 6,5% não sabiam. Em face da dificuldade para a implantação do dendezeiro não ocorreu interesse pelo plantio de cultivos anuais na época. Foi relatado que a Agropalma podia liberar a área para cultivos anuais no início do plantio do dendezeiro (Tabela 24).

Tabela 24. Possibilidade e pretensão de plantar outra cultura junto ao dendezeiro pelos produtores.

<b>Possibilidade de plantar outra cultura</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Não	27	87,1
Sim	2	6,5
Não respondeu	2	6,5
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>
<b>Pretensão de plantar outra cultura</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Sim	22	71,0
Não	8	25,8
Não respondeu	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

O maior aproveitamento da área de cultivo do dendezeiro enquanto estas estão novas tem sido uma reivindicação de muitos produtores. Cerca de 71,0% dos pequenos produtores de dendezeiro foram enfáticos em defender o aproveitamento da área para o plantio de culturas anuais conjuntamente com o dendezeiro, 25,8% não gostariam de plantar outra cultura e 3,2% não tinham opinião a esse respeito (Tabela 24).

Dos pequenos produtores entrevistados 96,8% pretendiam continuar com a cultura do dendezeiro e somente um agricultor (3,2%) respondeu que não tinha intenção de continuar com esta atividade, por já ter uma idade que considera avançada para cuidar de cultivos perenes (Tabela 25).

Tabela 25. Disposição de continuar e de aumentar a área do dendezeiro pelos produtores.

<b>Disposição de continuar com dendezeiro</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Não	1	3,2
Sim	30	96,8
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>
<b>Intenção de aumentar a área de plantio</b>	<b>Produtores</b>	<b>(%)</b>
Não	5	16,1
Sim	26	83,9
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Além da pretensão em continuar no cultivo do dendezeiro, 83,9% afirmaram interesse em ampliar o plantio e 16,1% não desejavam aumentar a área em função da dificuldade de encontrar mão de obra (Tabela 25). Um produtor associado à Agropalma, em face dos

resultados positivos, ampliou o seu plantio para 45 hectares, efetuando plantio adicional de 35 hectares em nova área adquirida.

A falta de área para a expansão do cultivo de dendezeiros, a pretensão de permanecer na atividade em face da lucratividade e a eminência do ciclo final de vida dos primeiros plantios realizados no Projeto Dendê, constitui uma preocupação dos agricultores entrevistados. Para contornar o fim da fase produtiva do dendezeiro, 83,9% pretendiam efetuar o replantio na mesma área, 6,5% abandonar a atividade, 6,5% trocar de atividade e 3,2% se aposentar (Tabela 26).

Tabela 26. Pretensão dos produtores ao fim do ciclo do dendezeiro.

Com o fim do ciclo do dendezeiro	Produtores	(%)
Replantar	26	83,9
Abandonar o Projeto	2	6,5
Trabalhar em outro ramo	2	6,5
Aposentar-se	1	3,2
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa comprovam a participação da produção de dendê como principal atividade de pequenos produtores em parceria com a Agropalma. É um produto com mercado assegurado, sendo essencial à sua estratégia de sobrevivência.

Evidenciou um forte grau de satisfação dos pequenos produtores que plantam dendezeiro em parceria com a Agropalma, adotando as boas práticas produtivas e dentro dos preceitos legais. Houve também melhoria dos bens duráveis dos pequenos produtores que cultivam o dendezeiro em relação ao passado e os que não cultivam ao redor.

A assistência técnica executada pela Agropalma repassada para os produtores constitui a razão do sucesso dos plantios realizados. Este procedimento não pode ser desconhecido quando se pretende desenvolver estes plantios. Muitos dos pequenos produtores associados à Agropalma não tinham nenhuma experiência anterior com o dendezeiro. Comprova-se, assim, que os pequenos produtores da Amazônia não são avessos a inovações, desde que tenha um mercado favorável, preços adequados e assistência técnica para a cultura plantada.

Os riscos dos pequenos produtores estão relacionados com o aparecimento do amarelecimento fatal ou de outras pragas e doenças, da capacidade de gerenciamento da Associação dos Produtores, do conflito entre os produtores e da queda nos preços do óleo de dendê com a expansão nos plantios, tanto no Pará como na África e na Ásia. Para contornar estes riscos é necessário constante aprimoramento dos sistemas de produção e da transparência entre os agentes envolvidos. A escassez de mão de obra e a dificuldade de colheita de frutos indicam a importância do desenvolvimento de equipamentos que facilitem este processo.

Esta pesquisa detectou, ainda, que alguns pequenos produtores se especializaram no cultivo de dendezeiro, sem abandonar o cultivo das culturas alimentares anteriormente praticadas, mas voltada para autoconsumo. A ampliação do conhecimento sobre gestão da produção e de novas tecnologias permite o avanço da categoria de pequenos produtores para novas hierarquias de produtores.

Com a melhoria do padrão de vida, induzidos pela nova atividade ou por circunstâncias de políticas públicas, como o acesso à energia elétrica, cria-se estímulos para àqueles agricultores mais competitivos levando a novas mudanças.

O cultivo do dendezeiro pelos pequenos produtores da amostra estudada indica sustentabilidade econômica proporcionando renda satisfatória para garantir o bem estar de suas famílias. Há uma preocupação com relação ao final do ciclo produtivo dos atuais plantios existentes já com meia vida.

## 7. REFERÊNCIAS

- BANCO DA AMAZÔNIA. **Empreendimentos financiados**. Belém, 2014.
- HOMMA, A. K. O. VIEIRA, I. C. G. Colóquio sobre dendezeiro: prioridades de pesquisas econômicas, sociais e ambientais na Amazônia. **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 8, n. 15, p. 79-90. jul./dez. 2012.
- HOMMA, A. K. O.; FURLAN JÚNIOR, J. Desenvolvimento da dendeicultura na Amazônia: cronologia. In: MÜLLER, A.A. & FURLAN JÚNIOR, J. **Agronegócio do dendê: uma alternativa social, econômica e ambiental para o desenvolvimento sustentável da Amazônia**. Belém, Embrapa Amazônia Ocidental, 2001. p. 193-207.
- HOMMA, A. K. O.; FURLAN JÚNIOR, J.; CARVALHO, R. A.; FERREIRA, C. A. P. Bases para uma política de desenvolvimento da cultura do dendê na Amazônia. In: VIÉGAS, I. J. M. & MÜLLER, A. A. **A cultura do dendezeiro na Amazônia brasileira**. Belém, Embrapa Amazônia Ocidental, 2000. p. 11-30.
- MONTEIRO, K. F. G. **Análise de Indicadores de Sustentabilidade Socioambiental em Diferentes Sistemas Produtivos de Palma de Óleo no Estado do Pará**. 2013. 205 f. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias). Universidade Federal Rural da Amazônia. Belém, 2013.
- MONTEIRO, K. F. G. HOMMA, A. K. O.; REBELLO, F. K.; COSTA, D. H. M. Sustentabilidade e Inovação tecnológica em sistemas produtivos familiares integrados com palma de óleo no Estado do Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 51, Belém, Pará, 2013. Anais... Brasília, SOBER, 2013. p.1-13.
- OLIVEIRA, M. E. C.; SENA, A. L. S.; SILVA, M. B. S. W. **Relatório Síntese do I Workshop do Programa de Produção Sustentável da Palma de Óleo no Brasil**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2013. 10p.
- REBELLO, F. K. **Da lenha ao óleo de Palma: a transformação da agricultura no Nordeste Paraense**. 2012. 321 f. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias). Universidade Federal Rural da Amazônia. Belém, 2012.
- REBELLO, F. K.; COSTA, D. H. M. A experiência do Banco da Amazônia com projetos integrados de dendê familiar. **Contexto Amazônico**, Belém, p.1 - 8, 2012.
- WILLIAMSON, O. E. **The mechanism of governance**. New York: Oxford University Press, 1996. 448p.